

CAPÍTULO 11

DIÁLOGO COM AS INTERFACES DE *O MENINO MALUQUINHO*, DE ZIRALDO: ENTRE LITERATURA, ESTÉTICA E SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

Simone de Cássia Soares da Silva

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora efetiva da rede Municipal de Primavera do Leste, Mato Grosso na Educação básica. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagem Oral, Leitura e Escrita na Infância – GEPOLEI.

Gilvane Reinki

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso/ CUR e professora efetiva das redes municipais e estaduais de ensino em Mato Grosso.

Marlon Dantas Trevisan

Doutor em Educação (2011) pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Marília/SP, Brasil. Pós-doutorado em Educação (2020) pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC). Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Jataí, Goiás.

RESUMO

A obra *O menino maluquinho*, de Ziraldo, um clássico da Literatura Infanto-Juvenil brasileira, com mais de 40 anos de sucesso entre os leitores, desde sua primeira publicação, sugere, pela qualidade reconhecida, um campo de reflexões relativas à literatura, estética, sociologia da infância, dentre outras interfaces, que se inscrevem nos estudos sobre educação, apresentando rompimentos com a normatividade disciplinadora, incentivando a criatividade, liberdade e autonomia da criança. A obra de Ziraldo (1980) dialoga com seu leitor, no sentido de lhe conferir protagonismo social, sobretudo ao construir uma personagem que espelha a grandeza das meninas, traquinagens, invencionices, e em grande medida se aproxima do que Corsaro (2011) denominou reprodução interpretativa. Ao se discutirem questões literárias, tais como enredo, argumento, diegese, inerentes à produção analisada, verificam-se os nexos que mantêm com conceitos estéticos tais como a *mimesis* aristotélica, ou mesmo as linhas de força que atuam sobre o objeto artístico, na concepção deleuzeana, e que, de modo instigante, coincidem com as proposições das culturas da infância, nos termos da sociologia contemporânea, em especial as formas de resistência ao governo adulto. O presente artigo busca sublinhar tais conexões teóricas, eminentemente lúdicas e poéticas, de modo a contribuir para os estudos de linguagem,

sobretudo pelo que a personagem de Ziraldo representa para a leitura e o deleite das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Literatura infantil. Sociologia da infância. Estética. Linguagem.

DIÁLOGOS INICIAIS

A leitura de Ziraldo Alves Pinto¹, em *O menino maluquinho*, escrita em 1980 é até hoje grande sucesso entre jovens e crianças, por provocar um jogo de empatias, resgate da inocência e estímulo à autonomia e criatividade. Com mais de 40 anos de sucesso, mesmo entre os leitores dessa nova geração, constituídos na era da tecnologia, da informação e da cultura de redes sociais, o livro resgata sorrisos, inspira a tenacidade, sugere uma poética um tanto estranha às tradicionais produções, moralizantes, num respeito estético profundo pela criatividade e espontaneidade inerente ao mundo infantil. É apreciado pelo público de jovens, crianças e até adultos, evocando ecos de um resgate das meninices saudáveis da infância. Num olhar semiótico, o personagem deixa indícios de que essa liberdade de ser criança, as ações espontâneas e alegres, acrescidas do gosto por experiências estéticas, constituiu-se forma de resistir ao sistema conteudista e fragmentário de educação, ao qual se submete a infância, e manter-se coerente com as linguagens que naturalmente caracterizam suas expressões.

Além do resgate da alegria, do deleite de uma leitura impactante, é possível identificarmos interfaces entre contextos discursivos diversos: literatura, arte, estética, sociologia da infância, que são características inerentes à produção do autor. Nestes aspectos, encontramos um diálogo da obra de Ziraldo com as concepções de Gilles Deleuze ao refletir sobre a educação contemporânea e a arte, a necessidade de repensar os saberes, num enraizamento entre pensamento e significado, fazendo através da brincadeira as interconexões com o todo em sua significação individual. O Menino Maluquinho, embora vivenciasse um modelo de escola tradicional, conseguia superar as fragmentações do pensamento, criar vínculos significativos e estéticos e superar as normatizações adultas, denunciadas por Willian A. Corsaro como “governança adultocêntrica” (CORSARO,2011), para brincar com os conteúdos de forma a conectar-se com suas manifestações estéticas e criativas.

Dessa forma, é possível inferir que o Menino Maluquinho representa uma infância plena de sentidos, pelas próprias habilidades do menino de driblar a rigidez escolar e promover significados ao seu próprio contexto. Um misto entre vivências sociais, ato criador e busca pela produção de sentidos.

¹ Ziraldo Alves Pinto, autor do livro “O Menino Maluquinho”, nasceu em 1932 no Estado de Minas Gerais, jornalista, teatrólogo, cartunista, publicitário, cartazista, criador multimídia, contista, foi fundador do Pasquim, jornal que, por meio do humor contestava a censura imposta pela ditadura militar brasileira nos anos 60/70, escreveu e ilustrou mais de cento e vinte obras.

O Menino Maluquinho e as interfaces com a escola

Se a criança, na Idade Média, já fora considerada um adulto em miniatura, a partir da segunda metade do século XVIII, frente ao mundo capitalista, ela passa a ser objeto de políticas públicas que objetivavam preservá-la e prepará-la para a vida adulta e para o trabalho. Esse modelo de escola foi inspirado nos ideais da Revolução Industrial, com objetivos que atendiam às necessidades do mercado de trabalho. Embora sua expansão maior tenha sido no século XIX, ainda se faz presente em muitas práticas perpetuadas ao longo dos séculos. A escola tradicional pensada a partir de um modelo cartesiano, onde os conteúdos possuem uma organização linear e encadeada, faz a divisão em disciplinas que se apresentam como fragmentos isolados da composição com o todo e são apresentados aos alunos com uma participação vertical do professor como o centro da aprendizagem, relegando aos estudantes um papel passivo de receptores de conhecimentos.

Desse modo, “As crianças foram marginalizadas na sociologia devido a sua posição subordinada nas sociedades e às concepções teóricas de infância e de socialização.” (CORSARO, 2011, p.18). Nos modelos de escola tradicionais as crianças são vistas como agentes passivos e mesmo a ciência sociológica clássica as marginalizou, por sua menor importância no contexto social. Para Chris Jenks (2002), essas fronteiras existentes entre a maneira como o adulto enxerga o mundo e a criança, e as peculiaridades de como a criança sente e age, são fronteiras que soaram como estranhas, o que levou a perspectiva adulta a julgá-las inferior. Entretanto, com o avanço de estudos da teoria do desenvolvimento, sociologia, psicologia e antropologia, foram permitindo esculpir as concepções de criança e a infância passa a ganhar status de categoria geracional.

Essa dicotomia entre o olhar adulto para a criança e a cultura da infância, com suas diferenças e características, ainda são tensionadas nos espaços escolares. Em contrapartida a esse descompasso entre os interesses da escola e os dos estudantes, surge, na literatura de Ziraldo, uma forma de resistência às concepções tradicionais de infância, denunciadas pelo autor quando apresenta uma criança, e depois adolescente, que em sua trajetória escolar enfrenta o abismo entre os conteúdos da escola e os significados para a vida. Criativamente consegue contextualizar em seu poder de fantasiar e imitar, criando uma rede de contextos entre informação, estética, ludicidade e aprendizagem, o que fez dele um aluno bem-sucedido na escola.

²“Para Aristóteles, a imitação é o lugar da semelhança e da verossimilhança, o lugar do reconhecimento e da representação.” (SANTORO, 2007) Desse modo, as características do personagem da obra de Ziraldo ganham a empatia dos leitores, quando se identificam com as situações vividas ainda hoje por eles nas escolas. Apresenta-se uma

² · Fernando Santoro /Viso · Cadernos de estética aplicada n. 2 mai-a g o/2 0 0 7

conotação de liberdade e protagonismo pela maneira como o Menino Maluquinho encontrava soluções criativas para vivenciar as lições escolares e articulava sua criatividade e expressões por linguagens estéticas, que num sentido aristotélico produziam prazer comparado ao ato de brincar e seduziam os pares na produção de cultura infantil, provocando seu sucesso social. Assim, faz-se a infância protagonista de sua aprendizagem, apesar das fortes expressões de governança adulta (CORSARO,2011) pelas quais passam, resistem e buscam superar.

Sobre essas fronteiras entre a participação social da criança na sociedade e a tendencia autocêntrica de tentar invisibilizar o protagonismo da criança, Corsaro (2011) ainda acrescenta:

as teorias sociológicas da infância devem se libertar da doutrina individualista que considera o desenvolvimento social infantil unicamente como internalização isolada dos conhecimentos e habilidades de adultos pela criança. Numa perspectiva sociológica, a socialização não é só uma questão de adaptação e internalização, mas também um processo de apropriação, reinvenção e reprodução.[...] O termo reprodução inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais. (CORSARO,1992; JAMES, JENKS E PROUT,1998, apud CORSARO,2011, p.31)

Ao considerarmos a sociologia da infância refletida na literatura em análise, encontramos um personagem com sua maneira peculiar de se apropriar do conhecimento e se tornar bem-sucedido na escola. Temos como indício desse sucesso, mesmo em meio ao apagamento que o modelo de escola tenta impor à educação do Menino, por exemplo, o trecho: “Só tem um zerinho aí. Num tal de comportamento!” (ZIRALDO,1980, p.37).

Também percebemos como as linguagens em potencial dialogavam entre si na apropriação do conhecimento, na brincadeira com o algarismo (“zerinho”) e a semântica do termo “comportamento”. Isto nos leva a refletir, que mesmo se tratando de um modelo de escola da década de 80, auge das concepções tradicionalistas, cujo aspecto organizacional se assemelha a dos operários em fábricas, as disciplinas escolares fragmentadas, o professor era o agente do saber e o processo de ensino circundava em torno de sua figura e o comportamento da criança seguiam padrões de educação militar.

No entanto, mesmo sobre essas condições, exemplificadas em muitos momentos no livro, o Menino Maluquinho apresenta tarefas e devaneios em que ele consegue fazer as interligações entre as linguagens formais e as potencialmente estéticas que demonstram que ele pode produzir sentidos entre uma e outra disciplina de modo a utilizá-las como potencial de aprendizagem, de maneira a conjugar-las na pluralidade da sua constituição

integral e não mais isoladamente dando ênfase a uma ou duas linguagens, marginalizando as demais.

É claro que estamos nos referindo a referência de Ziraldo sobre a interação escolar do menino Maluquinho na escola, contudo, a autor apresenta as significações sobre os conteúdos em dialética com o desenho e o lúdico, que são inerentes as comunicações sociais da criança. No entanto, frente as repreensões adultas, que ficam em oculto, mas que sugerem o mal comportamento da criança que é ativa e protagonista de sua aprendizagem, podemos também levantar a hipótese de ser o Menino Maluquinho vítima, como tantas outras crianças, de um sistema escolar onde corpos não podem falar legitimamente como parte do processo de aprendizagem, e a agitação incontrolada das crianças, que fogem do modelo disciplinar, pode ser interpretada como “mal comportamento”. No contexto, temos a clara percepção, que para aquele modelo de escola, as diversas linguagens que a compõem são desautorizadas de manifestar-se em sala de aula.

Neste sentido, indagamos: Como desconsiderar a manifestação da linguagem corporal como processo natural de manifestação infantil? O Menino Maluquinho não calava o gosto pelas manifestações naturais de sua personalidade: “com olho maior que a barriga, tinha fogo no rabo, tinha vento nos pés, ele era um menino impossível!” “(...) ele sabia de tudo, a única coisa que não sabia era ficar quieto” (ZIRALDO, 1980, p.8 a14). Esses trechos da obra nos remetem a pensar em como era esperto o menino, saudável em suas brincadeiras e preciosas suas manifestações artística, corporal e social. As linguagens que se manifestavam de forma natural, revelando a interligação das mesmas, na expansão de seus potenciais de aprendizagem. Brincando, imitando, fantasiando e reproduzindo, ele apresentava seu repertório de conteúdos assimilados na escola. Ele era feliz, mas taxado de “maluquinho”, por permitir-se expressar com toda a sua potencialidade: corporal, verbal, estética, emocional, ética e social. O menino cresceu e tornou-se um indivíduo íntegro, fruto também de suas vivências na escola e das relações sociais que criou e interações com a perspectiva de aprendizagem ao qual ele criou resistências, construiu ajustes secundários (CORSARO, 2011) e significou a sua infância.

Embora a obra tenha sido originalmente lançada em 1980, imprime as impressões de Ziraldo, que alguns ousam dizer ter retratado sua própria infância nas aventuras do Menino Maluquinho e, apresenta um dos grandes problemas estruturais, organizacional e de concepção que ainda hoje perdura nas escolas, Brasil afora. Os silenciamentos dos corpos, da criatividade e do protagonismo da criança, ainda fazem vítimas no sistema educacional brasileiro. Em contrapartida, buscamos por uma escola que vença o estático, o mecânico, o imposto o repetitivo e possa dar voz e protagonismo à criança.

Quatro décadas após o fenômeno de leitura dessa obra de Ziraldo, ainda nos questionamos: quantos meninos maluquinhos são diariamente interditados em suas manifestações espontâneas, rotulados como maus

alunos, desobedientes, ou simplesmente que não gostam de estudar, por não se adequarem à passividade exigida por escolas tradicionais, onde o professor continua sendo o centro da aprendizagem?

Um dos grandes desafios atuais para se pensar na escola contemporânea é: Como conferir protagonismo à infância em seu processo de aprendizagem escolar? É preciso que nós adultos possamos abrir mão da nossa condição de mando, da míope ideia de superioridade e aprendamos a produzir conhecimentos com as crianças e não para elas. Neste sentido, embora Deleuze não tenha sido um educador, suas provocações literárias e filosóficas evocam um repensar profundo da educação que precisamos conceber na contemporaneidade, produzindo um elo entre a educação e a arte, de forma a permitir o prazer estético no protagonismo da ação de educar-se e permitir um devir infinito do ser em formação (DELEUZE, 1974). Precisamos buscar linhas de fuga que sinalizam para o inusitado, imprevisito, não narrado. A instituição precisa mirar novos campos de existência, tal como os concebeu o filósofo, para enfim se reinventar.

Deleuze denuncia a inspiração dicotômica a qual se sujeita a escola nesse modelo tradicional e inspira a reflexão de desconstruir o pensamento de aluno como agente passivo de um processo de aprendizagem, apenas receptor de informações desconectadas da necessária ramificação de ligações entre pensamento e saber na construção da noção do todo em sua própria vida. (DELEUZE, 1997), o que é perceptível na integração que o Menino Maluquinho faz entre a escola e suas produções artísticas e artesanais.

Para Antônio Cândido (2023), crítico literário brasileiro, a estética é definida como uma ciência da percepção. Dewey (2010) nos diz que, a grosso modo, a estética está relacionada com a manifestação do belo, no sentido mais amplo da palavra, porém nos lembra que a definição de belo é parte subjetiva de cada um. Também nos lembra a íntima relação entre estética e arte, que juntas compõem um fenômeno de manifestação subjetiva apreciativa. Neste aspecto sintetizamos a estética (percepção, sensação) como um produto imaterial; contudo a arte é a manifestação já materializada dessa percepção (SILVA, 2021)

Compreender as questões superadas pelo Menino Maluquinho nas lições de escola faz da obra hoje um terreno fértil para a discussão contemporânea de educação, estratégias de ensino e análise de concepções de escola, de criança e de ser humano em formação, mas principalmente da presença da manifestação estética na expressão da criança.

A infância encarna a dimensão do acontecimento deleuzeano, conceito que se alinha, a nosso ver, com a produção de culturas infantis, conforme o fragmento abaixo:

As crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações.

(THORNE,1993,P.3-6; JAMES,JENK E PROUT,1998 P.22-26 apud CORSARO,2011,p. 31)

Dessa forma, o Menino Maluquinho rompe com as regras, comandos adultocêntricos e consegue produzir sua própria cultura, seus significados, encontrar meios internos de resolver os próprios problemas e fazer de suas vivências escolares meios de confirmar seu protagonismo em conquistas escolares e sociais.

As interfaces entre infância, estética e linguagem em *O Menino Maluquinho*:

A leitura de Ziraldo nos dias atuais provoca a inspiração, reflexão e resgata a expressão do brincar e a liberdade de ser e sentir da criança. Quando analisamos a complexidade inerente às ações: jogar bola, fazer versinhos, escrever cartas às namoradas, correr, brincar, desenhar, cantar e inventar mapas de um tesouro perdido, encontramos indícios característicos de uma infância saudável. Apesar do convívio com os adultos, compreende-se que o personagem era protagonista de suas escolhas, sujeito no processo de aquisição e manifestação de suas linguagens.

As questões literárias como enredo, argumento, diegese, inerentes à obra analisada, mantêm nexos com conceitos estéticos tais como a *mimesis* aristotélica, ou mesmo as linhas de força que atuam sobre o objeto artístico, na concepção deleuzeana. Essa proposição de fantasia e interpretação vividas pelo personagem e instigadas no leitor coincidem com as produções culturais da infância, nos termos da sociologia contemporânea, em especial as formas de resistência ao governo adulto e resgate do protagonismo da infância.

Essas características de manifestações das crianças hoje tendem a perder em expressão para uma geração essencialmente tecnológica, porém percebem-se contrastes com a maneira de ser e ver o mundo de muitos leitores. Apesar das diferenças existentes entre o leitor de hoje e as meninices vivenciadas pelo personagem de Ziraldo, nota-se que há um processo de identificação daqueles que, como o Menino Maluquinho, desejam muito ser bem-sucedidos na escola e socialmente entre os pares, e, principalmente ter na relação com os adultos a “traquinagem” como processo natural de expressão e crescimento da criança sem a influência doutrinadora de “modelo de bom comportamento social” como denuncia Corsaro (2011).

Nesta reflexão cabe ressaltar a importância que a imaginação assume para a constituição da identidade da criança e o papel desta como sujeito produtor de cultura. É possível constatar isso no trecho: Era um bom aluno, “[...] seu caderno era assim: *um dever e um desenho, uma lição e um versinho, um mapa e um passarinho*” (ZIRALDO,p.24 a 27) o que nos revela que o menino se apropriava dos saberes e brincava com ele em sua vida de criança ativa e criativa. A poesia e o desenho, suas brincadeiras e expressões

corporais eram forças artísticas expressivas que redirecionavam sua maneira de ver o mundo, como produtor de cultura entre os pares.

O Maluquinho representa a criança ativa, que busca a plenitude da infância. É preciso reconhecer sua agência, bem como a infância como categoria estrutural da sociedade (CORSARO, 2011). Tal personagem se revela uma pessoa bem-sucedida socialmente, e até em suas frustrações vem a identificação com as dos leitores, deixando índices de que criou uma maneira de resolver seus problemas com uma forma criativa de brincar com as situações. Também era uma criança afetuosa, que gostava de brincar, mas não dispensava um carinho e um afeto com que se relacionava com os pais e adultos a sua volta.

Essa relação do Menino Maluquinho com as manifestações poéticas, pictóricas, musicais, da comédia, imaginação, corporalidade, compõem a *mimesis* como índice de uma infância repleta de expressividade, em um movimento vital de buscar o sentido e prazer, plenitude de experiência que produz cultura infantil. Sobre mimética, temos as concepções de que,

[...] *mimesis* designa a inclinação do homem a representar as coisas tal como poderiam ou deveriam ser e não como são. Ela é portanto, tão criativa quanto imitativa, ou seja, ela nos remete a uma ação ocorrida que é, no entanto. Retomada e recomposta pela ótica inventiva do poeta mimético. [...] Não se trata da reprodução imitativa de um modelo, mas de um *modus operandi* determinado para reunir, dispor ou compor as ações e acontecimentos trágicos³ “ocorridos” (ARISTÓTELES, 2017.p. 9)

[...] a função mimética, em Aristóteles, nem é uma exclusividade das artes poéticas, ela se apresenta também, por exemplo, na linguagem humana em sua função sobre a estética de Aristóteles de representar as coisas. Tal função, a de adequar o nome ou signo em geral à coisa significada, é a função mimética ou representativa da linguagem, lugar em que pode acontecer o verdadeiro ou o falso. Esta compreensão da *mimesis* mais afinada com as ideias de representação, linguagem e educação resgata o valor tradicional da poesia grega: educadora e formadora da cultura tradicional.” (SANTORO, 2007 Rev. N° 2)

Ao compreendermos as vivências do Maluquinho como apropriações de saberes em que ele (re)produz o cotidiano da escola a seu modo de ver e compreender a vida, apresenta uma (re)significação mimética do contexto expressa deliciosamente por suas manifestações poéticas e artísticas. A

³ Quando Aristóteles remete o seu público a exemplos de tragédia, refere-se a situações “em que personagens e ações são inteiramente inventados” (ver poética, 1451b20)

maneira como imita um modo de relações e interações (sociais e com a escola), imprime sua maneira espontânea de reproduzir situações sociais e dar o tom de sua imitação, ou leitura interpretativa dos fatos e delinea-las ao seu modo artístico e brincante de ser.

Para Deleuze, a arte perpassa o sentido da comunicação, juntando fragmentos compostos por percepções e afetos, que exprimem sentidos que se libertam da matéria e tornam-se expressivos. Essas criações são qualidades sensíveis puras que produzem o devir, mas não no sentido de ordenança, a que Deleuze também critica veementemente, mas afirma a horizontalidade do papel do professor e da escola, na construção de um devir interminável do sujeito em ambos os lados do processo ensino/aprendizagem. “assim a arte pode ser categorizada como manifestação livre, espontânea do sentir, do agir, do pensar, que se exprime por meio de linguagens (SILVA, 2021. P. 36)”.

As linguagens para o Menino Maluquinho discursavam com toda a sua potencialidade expressiva nas inúmeras demonstrações retratadas nas páginas da obra, evidenciando que ele era um ser integral em formação e pleno de vigor infantil. As linguagens não podiam ser caladas, nem marginalizadas, mas estavam ali presentes em cada discurso produzido, compondo sua identidade, reafirmando sua cultura e produzindo significado em toda a plenitude de ser e existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonista da obra de Ziraldo, *O Menino Maluquinho*, é um garoto travesso, brincalhão e esperto, recebe carinho da família que lhe permite dar asas à imaginação e desfrutar das diversões da infância, em meio às brincadeiras criativas que permanecem para sempre na memória. Passa por alguns apertos e prega alguns sustos em seus familiares com suas artes, tudo faz parte da trajetória do desenvolvimento de uma criança.

O menino encara a separação dos pais com tranquilidade compreendendo que isso seria pra toda a vida. Mesmo cheio de namoradas e querido por todos, chorava quando tinha tristezas, nas suas brincadeiras solitárias restituía a alegria que contagiava todos em sua volta, chamado de “maluquinho” era líder nas brincadeiras e protagonista de sua história e de seu modo peculiar de reinterpretar sua aprendizagem.

Na perspectiva de Aristóteles, consideramos que é um autêntico imitador e recriador de situações cotidianas que formam o significado global do que se aprende, resgatando as interconexões com as linguagens que lhe são inerentes, indo para além da estética, produzindo sentido, prazer e vida a ele mesmo, para seu próprio deleite nas criações e invenções. Fazia de sua personalidade marcante e criativa a chave da autonomia para o rompimento com os modelos adultizados de Infância tão denunciados hoje por Corsaro (2011) em *Sociologia da Infância*.

Ziraldo criou, com este personagem, um menino, que é a mais pura tradução da infância, que ensina ao leitor ter atitudes positivas e a agir com

espontaneidade e autonomia; nas entrelinhas do enredo, Ziraldo nos diz: Viva a plenitude da infância!

Foi impossível para o personagem fazer o tempo parar, pois o menino cresceu, mas virou um “cara legal” e foi aí que todos perceberam que ele não era maluquinho, mas sim, era feliz, vivenciou experiências do mundo infantil e viveu verdadeiramente sua infância.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELEUZE, Gilles. D39L **Lógica do Sentido**; tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. (Estudos, 35)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1997. 1730. **Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível**. (trad. Suely Rolnik) In: Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.4. São Paulo: Ed.34, pp.

DELEUZE, Gilles. **Kafka, por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

PINTO, Ziraldo Alves. **O menino maluquinho**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1980.

SILVA, Simone de Cássia S. da. **Vem brincar comigo! A arte na creche produzindo encantamentos e expandindo linguagens**/ Simone de Cássia Soares da Silva. -1.ed.- Curitiba: Appris, 2021.

Artigos e periódicos:

JENKS, Chris. Construindo a criança. Educação, Sociedade e Cultura nº 17. 2002. 185 – 216 - PDF

SANTORO, Fernando. Viso · **Cadernos de estética aplicada Revista eletrônica de estética** ISSN 1981-4062 Nº 2, mai-ago/2007
<http://www.revistaviso.com.br/>

Site:

<https://sociologiassociativa.wordpress.com/2012/02/14/lembrancas-a-um-espinosista-i-deleuze-e-guattari-1997>

http://www.ufjf.br/grupar/files/2014/09/deleuze_e_a_educacao_parte_um.pdf